

“Currículos ‘praticadospensados’ nos cotidianos: as confluências entre a educação e as artes”

‘Practicedthought’ curricula in everyday life: The confluences between education and the arts

Curriculos ‘praticapensamiento’ en la vida cotidiana: Confluencias entre la educación y las artes

NOALE TOJA¹

MARISTELA PETRY CERDEIRA²

VALERIA CABRERA CALLABA³

RESUMO: A arte como possível caminho de confluência (Santos, 2023), na perspectiva do afeto pela estética, ética, política e poética na Educação, inspira este trabalho acerca dos processos de pesquisas com os cotidianos. São três narrativas que mostram essas confluências, tomadas por conversas, um dos movimentos metodológicos trabalhados em nossas pesquisas, que nos ajudam a ‘*verouvirsentirpensar*’ acerca dos currículos ‘*praticadospensados*’ como criações para além da estrutura em disciplinas.

PALAVRAS-CHAVE: Currículos cotidianos; conversas; artefatos curriculares; arte; educação.

ABSTRACT: Art as a possible path of confluence (Santos, 2023), from the perspective of affection for aesthetics, ethics, politics and poetics in Education, inspires this work on research processes with everyday life. There are three narratives that show these confluences, taken from conversations, one of the methodological movements worked on in our research, which help us to ‘*seehearfeelthink*’ about the ‘*practicedthought*’ curricula as creations beyond the structure of disciplines.

KEYWORDS: Curricula in every life; conversations; curriculum artifacts; art; education.

1. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/FFP/UERJ).

2. Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

3. Facultad de Artes / Universidad de la República, Uruguay.

RESUMEN: El arte como posible camino de confluencia (Santos, 2023), desde la perspectiva del afecto por la estética, la ética, la política y la poética en la Educación, inspira este trabajo sobre los procesos de investigación con la vida cotidiana. Hay tres narrativas que muestran estas confluencias, tomadas a través de conversaciones, uno de los movimientos metodológicos trabajados en el marco de nuestra investigación, ayudándonos a “*verescucharsentirpensar*” sobre los currículos ‘*praticadospensados*’ como creaciones más allá de la estructura en las disciplinas. **PALABRAS CLAVE:** Currículum cotidianos; conversaciones; artefactos curriculares; arte; educación.

INTRODUÇÃO

O presente artigo destaca o encontro de três autoras que pesquisam em redes, dando destaque especial ao projeto intitulado “Currículos ‘*praticadospensados*’ nos cotidianos – criações curriculares para além da estrutura em disciplinas” (2021-2025), que representa, por sua vez, o grupo de pesquisa de duas de suas autoras. Ademais, valorizam-se linhas de tensão com os estudos de Santos (2023), responsável por pensar os afetos necessários aos currículos, disparados pelas artes, tal como também suscitado por um projeto desenvolvido por outra autora deste artigo.

Nosso interesse comum, a partir das inúmeras redes educativas que formamos e nas quais nos formamos, é o de compreender como os currículos acontecem para além das disciplinas – estrutura ainda afirmada, em muitos casos, como a organização formal possível – ao observarmos os currículos praticados em ações docentes, em todos os níveis de ensino, e em pesquisadoras/pesquisadores que buscam outras possibilidades de articulação curricular, considerando a importância das diferentes áreas do conhecimento científico.

As pesquisas com os cotidianos, de diferentes abordagens, tratam de questões sociais urgentes e singulares, que atravessam os cotidianos nos inúmeros ‘*dentrofora*’⁴ das escolas. Os usos (Certeau, 2014) de artefatos culturais, como celulares, internet, aplicativos, computadores, literaturas, imagens, sons, ao serem inseridos nos cotidianos escolares, tornam-se artefatos curriculares com usos e criações de *podcasts*,

4. Esses vários termos e tantos outros que ainda aparecerão neste texto estão assim grafados porque, há muito, percebemos que as dicotomias necessárias à criação das ciências na Modernidade têm significado limites ao que precisamos criar na corrente de pesquisa a que pertencemos. Com isto, passamos a grafar dessa maneira os termos de dicotomias herdadas: juntos, em itálico e entre aspas. Estas últimas foram acrescentadas com vistas a deixar claro aos revisores/as de textos que é assim que esses termos precisam aparecer (Andrade *et al.*, 2019, p. 20).

filmes, e-books e outras poéticas. Sendo assim, temos a arte como possível caminho de confluência (Santos, 2023), na perspectiva do afeto pela estética, ética, política e poética na Educação, e as conversas como metodologia de pesquisa, ajudando-nos a compartilhar os currículos '*praticadospensados*' para além da estrutura em disciplinas.

Pensar as conversas como metodologia é perceber o movimento do encontro em seus diferentes '*espaçostempos*' da pesquisa. Como uma conversa, este artigo, tal como sublinhado inicialmente, é conduzido por meio de três narrativas em torno de experiências das autoras. O primeiro trabalho a ser narrado é sobre os currículos '*praticadospensados*' na realização de uma oficina de audiovisual com estudantes do Ciep 303 – Ayrton Senna e moradores na Favela da Rocinha – Rio de Janeiro; o segundo traz a potência da ocupação das ruas pelas artes de fazer nos '*dentrofora*' das escolas; e, ainda, o terceiro conversa com a experiência: *Thinking Labs*, ¿Qué hacemos con lo que vemos?, da Facultad de Artes, Universidad da República do Uruguay (UDELAR).

Para nossa fundamentação teórica, ganharão destaque as contribuições de Alves (2019), Santos (2023), Miranda (2023b), Certeau (2014), Pallasmaa (2011), Deleuze (2005), ajudando-nos a '*sentirpensar*' os currículos mediados pela sensibilidade das artes e sustentados pelos modos de compartilhar os afetos em diferentes redes educativas que vão fazendo parte da nossa formação enquanto pessoas sociais, atravessadas pelas diferentes culturas que produzimos nos cotidianos. É nesse emaranhar que os currículos se agenciam, extrapolam as hierarquias das especializações e evidenciam a articulação entre áreas do conhecimento no campo da Educação.

CRIAÇÃO DE IMAGENS E SONS: COMPOSIÇÕES POÉTICAS DE JOVENS DA FAVELA DA ROCINHA

Jovens Repórteres da Rocinha (doravante JRR) é um projeto de educação e comunicação popular que aconteceu no CIEP 303 Ayrton Senna, Rio de Janeiro, realizado pelo CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular⁵, em parceria com a Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec)/FIOCRUZ, no programa Plano Integrado de Saúde nas Favelas do Rio de Janeiro (2023-2024). Trazemos essa experiência pela relação de compartilhamento de afetos expressa na produção audiovisual, realizada por estudantes do Ensino Médio. Tais idealizadores decidiram produzir um documentário com uma estudante de 67 anos da Educação

5. Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP).

de Jovens e Adultos da mesma escola, que, apesar de não se sentir letrada, publicou um livro de contos na FLUP – Festival Literário das Periferias em 2019.

Foi criado um laboratório de formação/experimentação da linguagem audiovisual para a produção de conteúdos a serem veiculados nas redes sociais. Ao tratar de questões de saúde integral, com abordagem de cunho político, ideológico, social e cultural, os estudantes vivenciaram conversas com grupos acadêmicos, visitas a espaços culturais e a formação técnica e sensível em fotografia, captura, edição e tratamento de imagens e sons. O currículo garantiu o pensamento sobre a informação com compromisso ético, o poder de escolhas e as decisões dentro de uma produção coletiva de audiovisual.

Sob esses contornos, a formação dá destaque para as conversas com os adolescentes, entendendo-as como processos metodológicos. Por meio delas, versou-se a respeito das relações de manipulação de dados, informações, imagens e sons a partir de intenções e interesses daqueles que as produzem e as divulgam. É dessa forma que os estudantes e seus professores elencam os assuntos de interesse, pesquisando nas redes e nas conversas com outros adolescentes, com lideranças comunitárias e serviços públicos disponíveis na Rocinha. Após a realização de toda essa dinâmica, passa-se para as etapas de gravação e edição dos materiais.

Todo o processo envolve um agenciamento de força, poder e tendência ideológica que se manifesta nos discursos, como interesse em mostrar determinados aspectos em detrimento de outros. A metodologia das conversas é evocada no processo de revisão do material capturado e na edição dos discursos.

Estar num laboratório de formação/experimentação audiovisual é um convite à apropriação da linguagem da fotografia, pela composição do quadro, angulação de câmera, bem como da relação de luz e sombra ao capturar uma imagem. Trata-se, pois, de acessar camadas de sensibilidade que passam pelo trato das sonoridades na captura do som ambiente ou no cuidado de silenciá-lo, compreendendo como fazer uso dos cortes, indagando a respeito do que é um plano e sua duração. Ganha relevância o reconhecimento a respeito de uma gramática dos filtros de cores e luz, na edição, e, ainda, nessa última etapa, a reflexão sobre como tecer os discursos ao ordenar e desordenar as falas, criar efeitos e trilhas sonoras que gerem um ambiente de perturbação psicológica na suspensão de *‘espaçotempos’*.

Podemos chamar esse movimento como potência do falso (Deleuze, 2005), onde o autor tensiona as noções de realidade e fabulação, tendo o cinema como um artefato que ajuda a pensar as relações de criação de outras experiências possíveis,

ou na potência do brincar (Toja, 2021), pensando a experiência brincante como deslocamentos imaginativos, que criam outras experiências.

É com a intenção de proporcionar uma experimentação do sensível a esse grupo de estudantes, juntamente com dois de seus professores, que criamos um ambiente em que eles percebam como são produzidos os produtos culturais veiculados nas redes sociais que são consumidos e, em algum momento, criados por eles. Ao compreendermos a formação pela ação e pensamento de sua prática, entendemos que esses jovens, assim como a equipe que atua nessa formação, são *'praticantespensantes'* (Oliveira, 2012 *apud* Andrade; Alves; Caldas, 2019) na/da produção audiovisual como dispositivo de criação de outras realidades (ou talvez, melhor pensarmos em criação de outras experiências); praticantes porque estão na ação cotidiana, criando conhecimentos, em *'espaçotempos'* contínuos, o que nos permite compreendê-los como *'praticantespensantes'*.

Nessa ideia de *'praticantespensantes'*, o JRR identifica a história de Dona Lindacy, estudante da EJA na mesma escola, que se torna referência na Rocinha por ter publicado um livro de contos na FLUP, Feira Literária das Periferias. Lindacy em sua fabulação, ou na potência do brincar, cria outra realidade que supera imposições coloniais de racismo e machismo. A metodologia das conversas permanece presente, ao fazer o documentário com dona Lindacy, para evidenciar suas experiências como escritora num ambiente de letrados, em que ela ainda se sentia excluída.

Na ideia de compartilhamento de afetos de Nego Bispo (2023), contrapondo a noção de troca de conhecimento, os estudantes do CIEP Ayrton Senna, tanto os jovens como Lindacy, puderam experimentar os atravessamentos de suas narrativas. Quando há esse encontro em confluência, há a expansão do sensível pela experiência da pele (Pallasmaa, 2011).

A arte enquanto criação fílmica revela a *autopoieses*, tanto dos jovens que conduziram a filmagem, quanto de Dona Lindacy, que, ao repetir sua história, acessa sua potência de autocriar em realidades outras experiências enquanto mulher, mãe, estudante e escritora. Ao mesmo tempo, os jovens, a partir da manipulação de imagens e sons, conceitos e saberes, intenções e interesses, criaram outros currículos ao trabalharem a produção como uma fabulação de si, percebendo como, mesmo dona Lindacy sendo de outra geração e dotada de outras experiências culturais e sociais, suas marcas estão presentes em suas peles.



Imagem 1: Exibição do filme na mostra Geração do Festival do Rio

Fonte: as autoras (2024)

O audiovisual como artefato cultural e curricular passa a ser um dispositivo metodológico e artístico, que cria confluência entre culturas, entre linguagens, entre áreas do conhecimento. Essa relação nos ajuda a pensar num currículo feito por composições e não por conhecimentos em posições hierárquicas. Quando se trata de outras formas de entender e criar o currículo, compartilhamos dos modos de *‘sentirpensar’* a ideia de confluência de Nego Bispo, entendendo que

Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio. Ao contrário: ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluência, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. De fato, a confluência, essa palavra germinante, me veio em um momento em que a nossa ancestralidade me segurava no colo. Na verdade, ela ainda me segura! Ando me sentindo no colo da ancestralidade e quero compartilhar isso. (Santos, 2023, p. 4-5).

Os Jovens Repórteres da Rocinha com o documentário “História da Lindacy” ocuparam, com sua arte, outros espaços da cidade. Estiveram na mostra Geração do Festival do Rio, no Cine Odeon em contato com uma juventude de outros cantos

do país, com questões sociais urgentes, criando por meio dos filmes, outros modos de trabalhar os currículos nos *'dentrofora'* das escolas.

DAS RUAS, ARTES EM VOZES, IMAGENS E GESTOS: CIDADES COM 'BOSSA'

Ao tratar os currículos nos *'dentrofora'* das escolas, temos as ruas como um cenário sensível, que extrapola o visual e nos toca a pele (Pallasmaa, 2011). A criação artística urbana é um ambiente de afetos individual e coletivo. Através da expressão artística, é possível explorar os diferentes sentimentos, questionar normas estabelecidas e promover confluências sociais.

Nas pesquisas com os cotidianos, entendemos que esses movimentos são necessários. Da mesma forma que tratamos os artefatos tecnológicos como artefatos culturais e curriculares, entendemos que as múltiplas formas de artes também são artefatos culturais/curriculares presentes em nossas redes educativas. Assim, as artes de rua, por meio das suas intervenções, promovem a criação de *'conhecimentossignificações'* nesse trânsito ruas-escolas, reconhecendo a importância da cidade como um ambiente propício para essas criações, expressões e fruição das artes.

As pesquisas – tecidas nos eixos ético, político, estético e poético – convidam-nos a *'verouvirsentirpensar'* o mundo. Implicar-se como *'praticantespensantes'* na produção da pesquisa é, assim, romper com a ideia de sujeito-objeto, percebendo o outro *'praticantepensante'* da pesquisa, em compartilhamento de afetos, tramando redes nessa relação cotidiana. Possibilita-se, pois, o desenvolvimento de trânsitos dessas criações coletivas com afetividade, criatividade e liberdade dos *'praticantespensantes'* que vivem seus cotidianos e, com eles, dinamizam as culturas da/na/com as cidades.

No percorrer as cidades, nas muitas caminhadas que fazemos, buscamos (re) conhecer *'espaçostempos'*, identificando suas características éticas, poéticas e estéticas, tendo as manifestações artísticas e culturais como nossas referências para tecer e caminhar. Corroboramos a premissa do professor pesquisador Fernando Miranda ao tensionar que

debemos tener en cuenta que la ciudad está ahí para recibirnos con sus distintos tiempos convivientes, los marcados por la solidez de sus construcciones añosas y rígidas, los establecidos por las estructuras móviles que cada día arman y desarman su vida cotidiana, y los destellos apenas duraderos de los infinitos cruces que producen las personas con su trajines

callejeros, cruzando sus historias en veredas, plazas, parques, mercados y lugares de paso. (Miranda, 2023b, p. 02).

Assim, articulações entre nossas vivências nos ‘*espaçostempos*’ da/na cidade e da/na escola são necessárias e importantes, à medida que as escolas são lugares da cidade. Nesses ambientes de afetos, discentes e docentes compartilham experiências, ensinam e aprendem sobre os locais que fazem parte das suas redes educativas nos processos de tessitura de vida. A cidade permeia a vida de todos, é “[...] forma elementar dessa experiência, eles são caminhantes” (Certeau, 2014, p. 171). Nesse movimento, a escola e as múltiplas redes educativas que formamos e que nos formam podem ter influência na formação social do cidadão.

Mas como promover situações que nos conduzam a ‘*verouirsentirpensar*’ a cidade e seus muitos currículos possíveis? Acreditamos que os primeiros passos dessa caminhada é seguirmos com as artes, como Pallasmaa (2011) exalta ao relembrar que “os espaços e lugares criados por uma obra de arte são reais no sentido total da experiência” (p. 64). Afinal, nos diferentes ‘*dentrofora*’ das escolas e das universidades, somos movidos/as pela imaginação, criando a imagem da cidade ao caminhar por suas ruas e vielas reverenciadas por seus aromas, sabores, cores, sons e ritos, que vão compondo as potências criativas cotidianas, pois, “*las actividades de investigación desde una perspectiva basada en las artes son, a nuestro juicio, parte de las prácticas culturales necesarias y sensibles para la universidad y la sociedad en general*” (Miranda, 2023b, p. 7).

Por meio da cidade, vivemos cotidianos repletos de encantamentos, trazidos pelas diferentes artes, preenchendo um currículo que podemos chamar de caminhante, migrante (Castro, 2023). Fazemos usos das conversas com pessoas comuns, que, em nossas pesquisas, narram vivências culturais e tornam-se artefatos curriculares (Alves, 2019). Ao caminhar pelas ruas do Rio de Janeiro, nos deparamos, então, com um grafite capaz de ensinar justamente esse movimento de uso das conversas, tal como pode ser acompanhado a seguir:



Imagem 2: Arte em um muro no morro da Conceição

Fonte: as autoras (2024)

No canto esquerdo da composição, garantindo uma linha de leitura para o interlocutor ocidental, ganha ênfase a sentença “Minha cultura é a cultura da vida”. Emoldurada pelo ritmo e pelas vibrações de diferentes sujeitos, a informação verbal

sacramenta a ideia da construção dos saberes a partir do que é experimentado empiricamente; o que passa a ser comungado não apenas entre os sujeitos retratados, mas por todos aqueles que testemunham as vozes das ruas. A beleza das pesquisas com os cotidianos está justamente em captar as artes de fazer dos *‘praticantespensantes’* em tantos cotidianos, *‘dentrofora’* das escolas:

Estas “artes de fazer” dos praticantes, os usos e as táticas que desenvolvem cotidianamente são inscritos e delimitados pelas redes de relação de forças entre o forte e o fraco que definem as circunstâncias das quais podem aproveitar-se para empreender suas “ações”. (Oliveira, 2012, p. 37).

É nesse sentido que criamos nossos artefatos curriculares, visando acolher as questões sociais das cidades e, ao mesmo tempo, colocando as artes em diálogo com as culturas das ruas. Dessa forma,

A rua vibra com a pulsação da cidade, dos passantes, que a enxergam de diferentes modos por meio dos reclames, das vozes, do trânsito e, principalmente, da invenção de linguagens. Mas é necessário ouvir essas vibrações, sons de atitudes e gestos, deambulações, ruínas, violência e manifestações, desobediências ou como “antidisciplina”. (Certeau, 2014, p. 177).

A relação entre as cidades e as artes é complexa e multifacetada. Através da criação artística, é possível transformar as cidades em um *‘espaçotempo’* de *‘conhecimentossignificações’*, de subversão, desobedecendo à lógica disciplinar. Através da intervenção urbana, artistas podem questionar as normas e valores da sociedade, convidando-nos a refletir sobre eles, uma vez que, em algumas situações, segundo Pallasmaa (2011),

(...) as imagens são convertidas em mercadorias infinitas fabricadas para postergar o tédio; os próprios seres humanos são mercantilizados, se consumindo de modo indiferente, sem ter a coragem ou mesmo a possibilidade de confrontar sua própria realidade existencial. Somos feitos para viver em um mundo de sonhos fabricado. (Pallasmaa, 2011, p. 33).

Por outro lado, como nos diz Certeau, o espaço é um local praticado, “a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em *‘espaço’* pelos

pedestres” (Certeau, 2014, p. 184). Certamente, tal conhecimento se dá por meio de vivências pelas diferentes conexões de experiências em redes em diferentes ‘*espaçotempos*’ do viver cotidianamente.

Seguir a andança pela cidade torna possível, a partir de mais um grafite, testemunhar a importância de um dos artistas brasileiros do século XX, que impulsiona a cultura da música nacional, em seus diferentes gêneros. A figura de um homem preto de ascensão social, diferente da imagem produzida pelo colonialismo sobre as pessoas pretas, eleva o sentimento de autoestima da população favelada e periférica. Aludimos, aqui, à figura de Pixinguinha, retratado em um muro do Morro da Conceição, zona portuária da capital fluminense, tal como pode ser observado a seguir, a partir da Imagem 3.



Imagem 3: Arte em um muro no morro da Conceição
Fonte: as autoras (2024)

O retrato do artista, que é pilar do que seria a moderna música popular brasileira, ainda em fase juvenil, ganha novas matizes se cotejado com o ritmo vivo de artistas de rua, avistados a metros de distância do Morro. Nesse contexto, os “sons das artes das cidades” podem representar a forma como as artes urbanas fazem-se de maneira poderosa, permitindo a realização de conversas ao criarem sensações de dissonâncias ou desobediências em relação ao ambiente urbano convencional. Os sons podem ser metaforicamente entendidos como as mensagens, emoções e ideias das muitas manifestações artísticas das cidades,

do samba ao asfalto quente das cidades, deslizamos nos pés descalços ou com chinelos desgastados para festejar o gingar de um corpo que fala, gira, ginga, que joga a malandragem nos movimentar das mãos e pés da capoeira (Conceição; Cerdeira; Castro, 2023, p. 6).

Podemos entender também que a própria experiência de ocupar as ruas e praças com sua arte, seja lá qual for essa ocupação corpórea destoando do movimento esperado da cidade, torna-se em si uma intervenção artística. São diversas as formas de artes urbanas que envolvem performances do corpo humano como parte da expressão artística.



Imagem 4: Guia de turismo na região turística – Pequena África/RJ

Fonte: as autoras (2024)

Essas performances podem incluir dança, teatro de rua, apresentações musicais ou outras manifestações, uma vez que,

eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. (Pallasmaa, 2011, p. 37-38).

A combinação de elementos visuais e sonoros nas artes pode criar uma experiência única, que chama a atenção para questões sociais, políticas e culturais. Esses movimentos fazem parte do tecido das cidades, destacando o papel importante que as artes urbanas desempenham na expressão e na resistência dentro da cidade. Dessa forma, os movimentos artísticos que a cidade imprime, em suas mais distintas linguagens e suportes, mostram-nos como os saberes, as experiências cotidianas, que são temáticas importantes nos currículos escolares, são evidenciadas como gestos distantes da ideia de hierarquização apresentada pelo modelo da ciência moderna, com o ensino em disciplinas. Os movimentos errantes das artes urbanas nos convidam a pensar em um currículo feito em composição pelas diferentes áreas do conhecimento, pensando a arte, como a ciência, na tentativa de uma tessitura contínua dessas redes educativas e de seus *'conhecimentossignificações'*.

PENSAMENTO VISUAL E CRIAÇÃO DE VISUALIDADES: O QUE FAZEMOS COM O QUE VEMOS?

A terceira narrativa, ligada à Facultad de Artes da Universidad da República do Uruguay (UDELAR), parte das práticas no campo acadêmico, artístico, pedagógico e cultural, que consideramos necessárias e sensíveis à universidade e à sociedade de modo geral. São as atividades de pesquisa conhecidas no contexto crítico hispânico como IBA (*Investigación desde una perspectiva basada en las artes*), onde não há uma única forma de pesquisar, pois, à medida que os estudos vão avançando, passam a ser configurados *'espaçostempos'* conceituais sobre o que se alcança na pesquisa (Hernández; Fendler, 2014). Combinamos taticamente a reflexão e a evocação de ações, desenvolvendo o que chamamos de *Thinking e Making Labs*.

Os *Thinking Labs* são uma série de instâncias participativas e itinerantes, com diferentes grupos que, por seu caráter profissional ou por sua inserção institucional, passaram a formar grupos heterogêneos de colaboradores da pesquisa. Esses integrantes de caráter ativador e produtores de ideias passam a dar ênfase em diferentes temas, tais como i) a ação urbana e as intervenções na cidade; ii) os femininos; iii) as tecnologias; iv) os direitos humanos; e, por último, v) o corpo e as cenas.

A concentração dos *Making Labs* na criação de experiências de mediação colocou, de maneira acessível, a reflexão e a atuação sobre e a partir de algumas sínteses conceituais do processo realizado no *Thinking Labs*, usando o lúdico e o ensaístico, que intitulamos de ativações. A partir do pensamento diagramático, narra-se uma experiência em primeira pessoa e, com base nessa metodologia, foram introduzidos temas emergentes e urgentes do programa. Essa combinação de ações permitiu aos grupos explorarem relações e possibilidades de mediação e a produção de visualidades.

TÁTICAS VISUAIS

Utilizamos o que chamamos de diagramas como ferramenta de produção de pensamento visual para sistematizar os temas tratados em cada *Thinking Lab*. Com essa ferramenta, permitimo-nos fazer um tratamento mais apropriado das ideias e das reflexões colocadas pelos participantes durante os encontros, apresentando-as, graficamente, como narrativas restritivas ou lineares sobre os contextos, diversidades e dissidências, além de percebê-las como um espaço dinâmico de interligação de relações, afetos e afinidades entre a singularidade de cada tema trabalhado e os temas entre si. Desse modo, apresentamos a análise como pontos sinalizadores de fluxos dinâmicos, situados como caminhos de fuga de pensamentos e sistemas complexos.

Os diagramas serviram como ferramentas sensíveis para visualizar a obra e seu processo, sistematizando os temas conversados. Tornaram-se, portanto, uma produção visual que rompe com os formatos hegemônicos de divulgação, assumindo sua condição de imperfeição, de inacabado e processual. Consideramos tal dinâmica como uma oportunidade de mediação, a partir das quais é possível performar exercícios de imaginação e interpretação de novos sentidos, significados e relações, o que coincide justamente com Basbaum (2009), ao lembrar que os diagramas articulam ainda o impensado.

Mediante a impressão do material no formato de tabloides em duas cores e de distribuição gratuita, foi realizada uma espécie de registro fictício dos encontros

para os participantes e para o próprio programa, sendo que tal ação passou a ser tratada também como uma tática de difusão do pensamento visual.



Imagem 5: Estrutura de mediação e direitos humanos
Fonte: As autoras (2023)

Da mesma forma, passamos a vislumbrar as ferramentas efetivas para trabalhar com as imagens na perspectiva que transcendam a mera contemplação, inscrevendo-se no campo expandido e híbrido de pensamento e ação que oferecem os Estudos da Cultura Visual. Esses não somente se referem às possibilidades de produção metodológica, mas, também, enquanto espaços possíveis de sua aplicação e intervenção. O Programa buscou superar as formas consolidadas, como as organizações culturais que, em nosso modo de pensar, ainda consideram os indivíduos isolados e os objetos sob uma única aparente condição de materialidade. Por outro lado, promovemos formas coletivas de pensamento em que a subjetividade faça sentido nas relações que se estabelecem nos possíveis desencadeamentos que os objetos e as coisas provocam em nós e nessas relações.



Imagem 6: Intervenção nos espaços públicos

Fonte: As autoras (2023)

Fomentar o questionamento e o debate das representações visuais nos ambientes onde atuamos nos cotidianos implica abrir as instituições e espaços em que se realizam os processos de mediação com a influência e o possível impacto das imagens da internet, da publicidade, dos conteúdos audiovisuais em geral, da moda e da música, conteúdo que é introduzido não apenas por quem o produz, consome e circula. Preferimos, em vez de ignorá-los ou isolá-los, utilizar esses conteúdos, interagir com eles, explorar outras opções e gerar novas relações nos espaços físicos ou digitais onde se discute a criação de narrativas e ações.

Para a equipe de pesquisa, refletir sobre as imagens na atualidade implica expandir o foco com a finalidade de criar outros modos de *‘fazer pensar’* as visualidades e criar entrelaçamentos de narrativas e significados que questionem e superem a noção de autoridade institucional, tanto no âmbito artístico como pedagógico, favorecendo, assim, espaços mais amplos de compreensão e ação social.



Imagem 7: Intervenção nos espaços públicos
Fonte: as autoras (2023)

CONCLUSÃO

As investigações, as criações e as artes têm um papel significativo na ação política, ética, estética e poética como agenciamento de outros modos de *'verouvirsentirpensar'* na sociedade contemporânea. A natureza e o impacto político das artes dependem da intenção do artista e do contexto em que a obra é recebida. Porém, compreendemos, pelas narrativas expostas neste artigo, que as artes são mobilizadoras de memórias, afetos, sensações e sentimentos disparadores de outros gestos ao *'verouvirsentirpensar'* a vida cotidiana em seus modos de existência, em suas diferentes redes educativas e de tessituras de *'conhecimentossignificações'*.

Assim, como pesquisadoras dos cotidianos, trouxemos para esta reflexão a importância das artes na sua potencialidade de artefato cultural como expressão

política e de evidência das diferenças culturais e sociais que coexistem em nossa sociedade. As artes também são como linhas de fuga nos modelos hegemônicos de pensar as artes e seus espaços de ocupação, sendo usadas de forma engajada, pois “o memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar” (Certeau, 1994, p. 190). As ‘*práticaspensamentos*’ que permeiam os tantos ‘*dentrofora*’ da escola, à medida que reconhecem o passante como autor dessas composições, veem-se capazes de ‘*verouvirsentirpensar*’ e narrar a vida de modo mais sensível às emoções que caminham nesses gestos artísticos e singulares. Somos todos habitantes das artes, das ruas e ‘*praticantespensantes*’ nas/das/com as cidades e as escolas.

Da mesma forma, tal relação imbricada passa a nos dar pistas sobre as possibilidades em romper com as noções de disciplinas como uma hierarquização de conhecimentos, permitindo-nos pensar a criação de composições curriculares que extrapolam as especializações e que lancem mão de seus conhecimentos para a compreensão da vida com seus afetos para uma educação ética, estética, política e poética.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos após muitas ‘conversas’ acerca deles. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SÜSSEKIND, Maria Luiza (Org.). **Estudos do Cotidiano, Currículo e Formação Docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-35.
- BASBAUM, Ricardo. Un mapa sin geografía. **Sur, sur, sur, sur**, SITAC VII. México DF: Patronato de Arte Contemporáneo, ACz. p. 201-205, 2009. Disponível em: <https://pac.org.mx/uploads/sitac/pdf/14.-Basbaum.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- CASTRO, Maria Cecília Souza de. **Andanças e migrações**: conversas com os ‘*praticantespensantes*’ e com os currículos e os cotidianos escolares. 2023. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues; CERDEIRA, Maristela Petry; CASTRO, Maria Cecília Souza de. Andarilhar pelos guetos curriculares: éticas, estéticas, poéticas nos ‘*espaçostempos*’ das cidades. **Revista Espaço do Currículo**, v. 16, n. 2, p. 1-14, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15687/rec.v16i2.67277>.
- DELEUZE, Gilles. **Imagem-tempo, cinema 2**. Potências do falso. Tradução de Araujo Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005. p. 155-178.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Ed. 34, 1993.
- HERNÁNDEZ, Fernando; FENDLER, Rachel. Explorar los límites: IBA puede ser muchas cosas, pero no cualquier cosa. In: CONFERENCIA SOBRE INVESTIGACIÓN BASADA

- EN LAS ARTES E INVESTIGACIÓN ARTÍSTICA, 2., 2014, Granada. **Anais...** Universidad de Granada, Granada, 2014.
- MIRANDA, Fernando. Experiencias de enseñar y crear en artes más allá de los muros de la universidad. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Santa Maria, v. 16, n. 19, p. 01-13, jan./dez. 2023b.
- OLIVEIRA, Inês de. Currículos e pesquisas com os cotidianos: o caráter emancipatório dos currículos ‘pensadospraticados’ pelos ‘praticantespensantes’ dos cotidianos das escolas. In: FERRAÇO, C. E.; MAGALHÃES CARVALHO, J. (Eds.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis: DP et Alii, 2012. p. 47-70.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele** – a arquitetura e os sentidos. São Paulo: Bookman, 2011.
- RODRÍGUEZ, Angel. **A Dimensão Sonora da Linguagem Audiovisual**. São Paulo: Senac SP, 2006.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UbU, 2023.
- TOJA, Noale. **Movimentos migratórios e seus ‘fazeressaberes’ culinários nos/dos/com os cotidianos como questão curricular**. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

SOBRE AS AUTORAS

Noale Toja é Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação – Processos Formativos e Desigualdades Sociais – Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEdu/FFP/UERJ). Bolsa Pós-doutorado FAPERJ nota 10. Doutora em Educação e Cotidianos – ProPed/UERJ. Participante do GRPesq Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons, coordenado pela Dra. Profa. Nilda Alves. Pedagoga pela Faculdade de Formação de Professores – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ. Professora contratada no departamento de Educação da FFP/UERJ. Colabora em projetos de educomunicação. Atua com produção audiovisual, arte e tecnologia. Desenvolve projetos com vídeo expandido e monta exposições virtuais. *E-mail:* ffpuerj.noale@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1207-2795>.

Maristela Petry Cerdeira é Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Integrante do grupo de pesquisa “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”, coordenado por Nilda Alves. Professora de Geografia da Educação Básica. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

E-mail: maristelacerdeira@gmail.com.

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1588-0149>.

Valeria Cabrera Callaba é Mestre em Arte e Cultura Visual pela Faculdade de Artes – UdelaR – Universidade da República do Uruguai. Trabalha para o projeto I+D Pensar Arte / Agir Cidade: Intervenções pedagógicas e urbanas da cultura visual e da arte contemporânea do Núcleo de Pesquisa em Cultura Visual – NICV – da Faculdade de Artes da Universidade da República – UdelaR. Técnica em Museologia pela Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação – FHCE – da UdelaR.

E-mail: valcawalca@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2589-4076>.

Recebido em 21 de janeiro de 2025 e aprovado em 25 de fevereiro de 2025.